



Raizeiras e benzeiras: entre novas e velhas práticas

Ms. Melina Soares Rodrigues- melinasrodrigues@gmail.com
Orientadora: Dra. Silvia M. Ferreira Guimarães- silviag@unb.br

INTRODUÇÃO



Raizeira durante uma caminhada para identificação de plantas medicinais. Havia ocorrido uma queimada no local



Raizeiro segurando uma raiz durante explicação em curso de medicina tradicional

Esta pesquisa é fruto de uma dissertação e tem como objeto de estudo conhecer o trabalho de pessoas que fazem atendimentos e cursos, utilizando como recurso terapêutico as práticas populares de benzimento e uso ervas. Duas regiões do Centro-Oeste distintas fizeram parte do campo pesquisado, Pirenópolis-Go e Brasília-DF. Analisou-se as histórias de vida, buscando compreender os processos terapêuticos e a rede de sociabilidade que se forma em torno destas pessoas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é qualitativa e possui inspiração na etnografia. Os dados foram coletados através da convivência com as terapeutas populares, que aconteceu no período entre maio de 2017 a dezembro de 2017. Foram feitas entrevistas, gravadas e transcritas.

Ao todo participaram um casal de raizeiros (aqui presente nas fotos), uma raizeira/benzedeira, três participantes dos cursos e cinco benzedeiros que integram uma escola de benzimento e realizam atendimentos em UBS (Unidades Básicas de Saúde).



Ervas já secas, embaladas, prontas para comercialização

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A forma de trabalho que encontrei foi diversa. Mas de uma forma geral difere do que muitas pesquisas nesta área relatam. Em um tom quase nostálgico, dizem que estas terapeutas já quase não exercem mais por causa da idade avançada, algumas esquecidas pela falta de procura e interesse nas suas terapêuticas, muitas vezes distribuindo gratuitamente suas garrafadas e remédios. Contrariando o que eu pensava, o que encontrei foi uma grande procura e interesse do público pelos tratamentos e cursos, terapeutas atuando, muitas delas jovens, e no caso dos raizeiros, impondo custos aos tratamentos, com resultados financeiros satisfatórios para eles. O público que elas trabalham também não mais é composto apenas por pessoas da própria comunidade ou de classe popular, mas por pessoas de diferentes localidades, e de classe média e alta.

O que podemos perceber é que muitas vezes indivíduos fazem uso dessas terapêuticas de forma conjunta e complementar com outros sistemas de saúde. E as procuram nem sempre por falta de opção ou acesso, mas por acreditar que lhe tragam algum benefício. No caso dos benzimentos na UBS, os próprios funcionários entram na fila para se benzer ou mesmo informam os pacientes durante a consulta sobre os benzimentos que ocorrem lá.

REFERÊNCIAS

- Guimarães SM. Olhares diversos sobre pessoas e corporalidades: os saberes e práticas de terapeutas populares na região do DF e entorno. In: Dias C, Guimarães SMF. Antropologia e Saúde: diálogos interdisciplinares. Jaz de Fora: UFUF, 2017.
- Santos AF. Análise IWO: Prática alimentar e diabetes: desafios para a vigilância em saúde. Epidemiol. Serv. Saúde, 2002; 215-263, 2011.
- Siqueira EM, Barbosa MA, Brasil VV, Oliveira LMC, Andrus LMS. Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais. Texto Contexto Enferm, 15(1), 68-73, 2006.
- Minayo MCS. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. Petrópolis: Vozes (2002). In: Minayo MCS, organizadora. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes; 2012. p. 9-29.
- Geertz, Clifford. 1986. A interpretação das culturas. J. Clifford Geertz. 1. ed., 15. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 321 p.
- Figueredo CA, Gurgel GD, Junior GDG. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]. 2014, v. 24, n. 2.
- Dalvit R. Revisitando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Goldberg M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Goldman M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia antropológica e pública em Ithaca, Bahia. Revista de antropologia, São Paulo, USP, 2003, v. 46 nº 2.
- Vivros de Castro E. Metáforas Caribais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac e Naify, 1. ed. 2015, 288 p.
- Pierano M. Etnografia, ou a teoria vivida. Ponta Urbe (Revista do núcleo de antropologia urbana da USP), 2, 2008.
- Magnani JSC. Etnografia como prática e experiência. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n. 32, p. 129-156, 2009.
- Diniz D. Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa. 2. ed. Brasília: Letras Livres, 2013. 108p.
- Favret-Saada J. "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada. Cadernos de Campo. N. 13, p. 155-161, 2005.
- Spiwak GC. Pode o subalterno? Murilo AL. O uso das biografias nas pesquisas antropológicas. Revista Perspectivas Sociais, 2(1), p. 2-10, 2013.
- ro lazar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 133 p. 2010.
- Maffioletti M. Eloquio da razão sensível. Petrópolis: Vozes, 2005.
- Maus M. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Maus M (1872-1950). Sociologia e Antropologia. Marcell Maus. 2. Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- Figueredo AM. Antropologia da cura. Prática e medicina na Amazônia no limiar do século XX. In: Sidney C, et al. (org.) Artes e ofícios de curar no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- Menéndez E. La enfermedad y la curación ¿Cuál es medicina tradicional? Alteridades, (7), p. 71-83, 1994.
- De Certeau M. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- Rocha JM. Como se faz medicina popular. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- Pimenta IS. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: Sidney C, et al. (org.) Artes e ofícios de curar no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- Tesser CD, Liu MF. Racionalidades médicas e integralidade: Ciência & Saúde Coletiva. p. 195-206, 2008.
- Rabello MCM. Religião, ritual e cura. In: Alves PC, Minayo MCS. Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.
- Levi-Strauss C. A ideia de progresso. In: Antropologia estrutural dois. Cosac e Naify, 1ª edição, 448 p. 2013.
- Fleischer, S. Saúde popular: Esboço etnográfico para definir e conceito. Rio-Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais, v.12, 2014. 125.
- Maus M. Esboço de uma teoria geral da magia. In: Maus M (1872-1950). Sociologia e Antropologia: Marcell Maus. 2. Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- Anglo T. A benção terapêutica: vivência de um campo relacional. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília
- Silva G. Saúde da Criança e Benefícios em Pirenópolis (GO). 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília
- Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília
- Carvalho C. O saber-fazer de pessoas populares no entorno do DF. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília.